



Wataju apareceu de camisa com etiqueta, relógio de pulso e boné do "Le Coq Sportif"

Cacique se queixa de estrada e pede apoio

O Museu do Índio, na Rua das Palmeiras, recebeu ontem uma visita não muito comum: o cacique da aldeia Javaé de Boto Velho, na Ilha do Bananal em Goiás, João Wataju, que se fazia acompanhar do genro, Maurício Wajuria. O cacique, que em lugar da tanga, cocar e arco e flecha, característicos dos chefes tribais, vestia calça e camisa, tinha relógio de pulso e usava boné verde-amarelo da *Le Coq Sportif*, veio ao Rio pedir apoio da Funai para acabar com os problemas que a comunidade tem enfrentada com a construção da estrada Transaraguaia (GO-262), cujas obras foram iniciadas em 83.

— Primeiro vão morrer as plantas e os bichos e depois será a nossa vez.

Apesar dessas palavras de revolta, Wataju acrescentou que se a estrada tiver que ser feita de qualquer jeito, "pelo menos o governo tem que dar atendimento à comunidade, completamente abandonada". Ele se referia à necessidade da instalação de um posto indígena da Funai para atender à aldeia, um outro motivo de sua vinda ao Rio. O posto médico mais próximo fica a 130 quilômetros da tribo, em Cristalândia, e o acesso tem que ser feito através de canoas e caronas com fazendeiros vizinhos:

— Nós queremos que a estrada não passe por lá ou então que seja feita uma assistência. Eu tô precisando de um posto de saúde, de uma escola e de uma máquina de motor para demarcar nossas terras.

Só volto se conseguir pelo menos o posto da Funai — disse o cacique.

De acordo com Marcos Maia, linguista da Funai que está hospedando os dois índios, a Transaraguaia, que corta o trecho norte da Ilha do Bananal, deverá, se for concluída, atravessar o Parque Nacional do Araguaia (IBDF) e o Parque Indígena do Araguaia (Funai), colocando em risco de vida algumas espécies ameaçadas de extinção, como o lobo-guará, o tatu-canastra, o gavião real e o cervo do pantanal, entre outros.

— Com a estrada, virão também a cachaça e as doenças, além da destruição dos recursos naturais de que os índios dependem para sobreviver — comentou Marcos.

A construção da rodovia, autorizada pelo ex-presidente João Figueiredo, motivou a demissão de alguns técnicos expressivos do IBDF contrários à obra, que já aterrou cerca de 40 quilômetros do trecho de 60 que deverá cortar a Ilha do Bananal. Marcos Maia acrescentou que esse trecho aterrado da estrada, que passa a cerca de um quilômetro da aldeia Javaé, ficou completamente alagado com as chuvas da região e as obras de conclusão serão retomadas dentro de poucos meses, com a chegada da estação seca.

Para reforçar sua luta contra a estrada Transaraguaia, João Wataju esteve várias vezes em Brasília e chegou a se encontrar com o Deputado Mário Juruna e com o presidente da Funai, Romero Jucá Filho.

Uma aldeia que resiste aos brancos

Adriana Castelo Branco

A aldeia Javaé de Boto Velho está situada na Ilha do Bananal e suas 11 casas, construídas com palha de babaçu, são distribuídas nas margens do Rio Javaé, próximas à embocadura do Rio Formoso. A tribo Javaé pertence, junto com a Carajá e a Xambioá, ao Tronco Macro-jê, e é a que teve contato mais recente com o branco.

Atualmente, entre homens, mulheres e crianças, moram 58 pessoas na aldeia, em casas unifamiliares. Vivem todos da pesca e da agricultura, dedicando-se ao cultivo da mandioca, milho, arroz, abóbora e melancia. O grupo pode ser considerado um exemplo vivo de resistência cultural, já que, apesar de conviver com o branco desde o final do século XVIII, ainda mantém suas características culturais, costumes e rituais.

Durante todo o ano, os membros da aldeia realizam as festas do ritual do "aruamã", relacionado ao culto de espíritos que regulam a vida de cada um. A

aldeia ainda conserva a "casa das máscaras", local onde são guardadas as máscaras dos rituais e onde a sociedade masculina se encontra diariamente para discutir os problemas do grupo, principalmente os fatores sobrenaturais.

A língua Carajá tem dois dialetos: a fala do homem e a fala da mulher. Um costume antigo da tribo é que, quando a mulher se casa, o marido vai morar com ela perto da casa dos pais, para que ela não se afaste da família, o que é denominado sistema "matrilocal", de acordo com o linguista Marcos Maia.

O cacique João Wataju ainda se recorda da primeira vez que viu o homem branco, quando tinha 16 anos: "Meu pai me levou para Conceição do Araguaia para estudar e me entregou a um padre. Chorei muito, mas fiquei por lá. Chorei com medo dos outros mesmo", recorda. No seu rosto permanecem os símbolos de casamento da tribo: dois círculos pretos nas bochechas.

No Rio desde quinta-feira, João Wataju só teve tempo para conhecer a praia e o Jardim Zoológico. No primeiro passeio provou a água do mar e perguntou como o sal entrou nela. No Jardim Zoológico reconheceu muitos bichos, mas se impressionou com o elefante e a girafa, duas espécies que nunca tinha visto. "A água do mar parece salmoura, e o Jardim Zoológico tem poucos bichos, mas achei bom", afirmou o cacique.